

0 - 800 - FALE

sobre arte

on art

sobre invasão  
de privacidade

on invasion of  
privacy

sobre tudo

on everything  
anything  
above all  
overcoat

sobre arte

on art

sobre invasão  
de privacidade

on invasion of  
privacy

sobre tudo

on everything  
anything  
above all  
overcoat

0 - 800 - OUÇA



# Projeto MN.02: ensaio no espaço de telecomunicações da cidade do Rio de Janeiro

Simone Michelin

*Arte Pública, conforme sua tradicional conceitualização, tem andado sob intenso e apropriado questionamento com relação a sua natureza e seu destino. Neste ensaio analiso processos artísticos que atuam na esfera pública utilizando tecnologias de comunicação mediadas por computadores e tomo como estudo de caso o Projeto MN.02, que desenvolvo em parceria com a UFRJ e a Telemar/RJ. Minha proposta de intervenção no Rio de Janeiro é fortemente influenciada pela análise da atual estrutura socioeconômica da cidade.*

*Arte pública; espaço midiático; zonas polissensoriais.*

um grande cais cheio de pouca gente,  
de uma grande, enorme cidade comercial, apoplética,  
tanto quanto isso possa ser fora do espaço e do tempo

Fernando Pessoa

## Arte Pública

Obras de Arte Pública, "que são trabalhos encomendados a um artista por um órgão/agência público para ser colocados em um lugar público" no sentido tradicional, tem sofrido intenso e apropriado questionamento com relação a sua natureza e destino. Continuarei essas investigações partindo de uma plataforma que considera (1) ser Arte Pública o que está na 'esfera' pública, (2) que o espaço público tem sido sempre um espaço midiático independente das tecnologias empregadas em sua criação e (3) que espaço é um campo composto (espaço-tempo-matéria) de interações simultâneas cuja forma-limite é definida por nossa percepção e pelos sistemas sociais.

O que está em jogo neste momento é que "as condições e possibilidades da vida pública em relação a privacidade, crenças, sigilo, ao que é chamado de 'interesses especiais'" mudaram radicalmente e, assim sendo, afetaram profundamente "as condições básicas que permitiam que a arte aparecesse – seus lugares de colocação, circulação e funcionalidade social, sua

relação com os espectadores, sua posição nos sistemas de troca e poder".

De acordo com Virilio (1995), a mudança em nossa percepção do espaço – que não é mais baseada na perspectiva do Quattrocento, porém influenciada pela posição/condição 'zenith-nadir' – propicia outro modo de se relacionar com esse fenômeno-categoria, que é agora entendido dentro da equação espaço-tempo-matéria.

De certa forma, essa transformação vinha sendo apontada por Lazlo Moholy-Nagy quando formulou seu conceito de visão-em-movimento – *seen matters in a constantly moving field* – em 1946. Avançando, céleres, nessa direção, já podemos ver aqui a "cidade dos bits", que engendra e/ou abriga nosso último espaço público como uma 'Ágora eletrônica'.

Nesse contexto, o que significa fazer Arte Pública hoje? De espectador a participante, como articular agentes no reino da dromosfera? E quem são/seriam eles? De que modo o espaço atual informa o cyberspace? E, mais precisamente, o que

significa fazer AP segundo minha concepção e desejo, ou seja, produzir processos artísticos atuando na esfera pública que utilizem tecnologias de comunicação mediadas por computadores, no Brasil, no Rio de Janeiro, por exemplo?

### Geral

Observando as nove áreas metropolitanas – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Fortaleza, Salvador e Brasília/Distrito Federal – que concentram a maior densidade demográfica e de consumo nacional, podemos ver as condições que nutrem nossa cultura e abrigam nossas possíveis intervenções artísticas.

Não consigo deixar de questionar se não teríamos mantido um Tratado de Tordesilhas internacionalizado, que para sempre nos assentou no litoral, com nossa língua, isolados da América hispânica. Segundo Latinobarômetro, organização sem fins lucrativos estabelecida no Chile, comparando os latino-americanos, os brasileiros são os menos inclinados a escolher a democracia como forma de governo e a confiar no 'próximo', porém, acreditam em seu futuro sucesso econômico!

A topografia social brasileira estrutura-se em intervalos de 'vazio e cheio', 'vãos de nada' e 'ilhas de acumulação', revelando uma face contraditória. Nosso sistema socioeconômico cria comunidades que vivem lado a lado, dividindo o mesmo espaço, porém, imersas em experiências temporais totalmente diferenciadas – conforme demonstra o recorte favela da Rocinha e São Conrado, na Zona Sul do Rio. Considerando que a comunidade do Rio de Janeiro, por exemplo, é composta por todas as pessoas que ocupam a cidade, como podemos entender e trabalhar com tal 'interface'?

### Público: quem é esse brasileiro?

As características sociais da população brasileira são regularmente reveladas pelo Ibope por intermédio de seu Levantamento

Socioeconômico (LSE). O parâmetro para essa avaliação é o chamado Critério Brasil, que mede o poder aquisitivo da população. O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo (tevé, videocassete, automóvel, freezer), no nível de escolaridade do chefe da família, na presença de empregados domésticos, entre outras variáveis.

A maioria dos lares analisados pelo LSE percebe de três a cinco salários mínimos mensais. 50% das casas têm telefone (dos entrevistados pertencentes à classe A, 97% afirmaram possuir telefone fixo, e, dos das classes D/E, 77% disseram não possuir). 3% dos brasileiros estão ligados na rede/internet. Segundo o Ibope, a pirâmide social dos internautas é oposta à da população brasileira, ou seja, a maioria dos que navegam no *cyberspace* pertence à classe A.

### Público específico: nossos cyberfolks et al.

Perfil do internauta brasileiro: "homem, jovem, entusiasmado com suas perspectivas pessoais e profissionais, qualificado para o consumo"; sua relação com a rede tem caráter endógeno e utilitário: não se interessa por entretenimento cultural e nem por pornografia, orientando-se em direção à comunicação, informação e educação. Com o recente hábito adquirido de 'surfar' na rede, 62% assiste menos à televisão, e 28% lê menos livros e revistas. Compras *on-line* é o item menos desejado.

Entre as estratégias usadas para atrair usuários no país – uma vez que o objetivo é manter todo mundo conectado à rede –, estabeleceu-se uma proliferação de acesso gratuito à internet. Os bancos foram os primeiros a oferecer esse serviço, seguidos das empresas automobilísticas, obrigando provedores locais a investirem pesado na mídia convencional (com ênfase na tévé). Adicionalmente foi lançado no mercado nacional um pequeno aparelho com um teclado que permite conectar o monitor de tévé à linha telefônica e à *www*. Essa 'subtecnologia' vem ao encontro das estatísticas, que mostram que 68% de todos

os lares brasileiros têm pelo menos um aparelho de televisão.

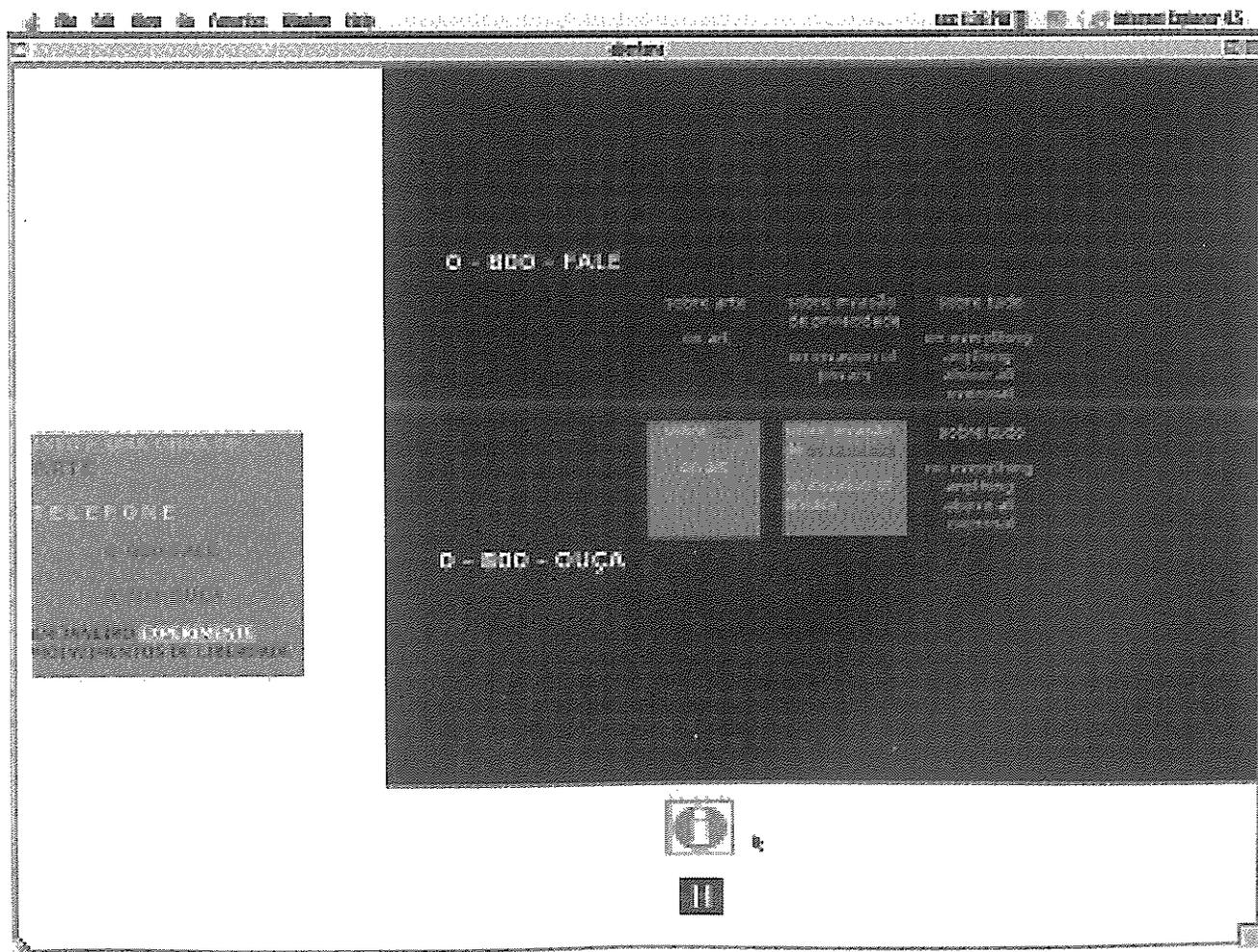
Dentro desse quadro, podemos também considerar o ponto de vista de Negroponte em relação às condições do Terceiro Mundo:

*o mundo em desenvolvimento abraçará a tecnologia em números muito maiores do que é esperado agora, porque está mais desesperado por soluções para problemas com suas infra-estruturas educacionais, de telecomunicações e negócios; eles pularam um nível tecnológico inteiro porque seu sistema prévio era terrível.*

### **Situação: ensaio no espaço de telecomunicações**

Dados os parâmetros que definem o contexto – povo e local – e a colaboração artística, meu desafio é encontrar a forma adequada de articular os meios para propiciar essa experiência.

O Projeto MN.02 é uma metáfora que focaliza o tema comunicação versus conversação na sociedade brasileira, o primeiro termo implicando uma 'entrega' de informação e sua recepção passiva, e o segundo, uma troca entre duas ou mais partes. A metáfora abrange o processo e o circuito: como a informação, que em última análise é a realidade, é criada, processada e



distribuída; quem tem acesso e por quais vias. Ao apontar para essas questões, o projeto visa estimular um pensamento crítico concomitante à prática de ações concretas que são experimentos com o poder – poder manifestar, ocupar, saber...

MN.02 usa a telefonia do Rio de Janeiro, a internet e o Museu do Telefone como meios/sistemas que viabilizam a ação sugerida pela artista. É uma situação que propõe um exercício de participação coletiva – movimentos em direção à alteridade – como preâmbulo de potenciais colaborações. Ele foi projetado para a exposição Arte e tecnologia: corpos virtuais, que reinaugurará o Museu do Telefone, em março de 2001, com patrocínio da Telemar, a maior companhia telefônica atuando em território nacional. A exposição utiliza *the state-of-the-art communication technology* da companhia para fazer arte e, ao mesmo tempo, demonstrar a excelência dos serviços da empresa.

### Práticas de liberdade

O sistema consiste em oferecer à comunidade carioca duas linhas telefônicas gratuitas (0800) e um web site, como espaços para intercâmbio de opiniões, para 'publicação' e veiculação de idéias; e um 'escritório' de produção e gerenciamento de dados, que funciona coletando e distribuindo informação. O 0800-Fale oferece espaço vazio para auto-expressão, no tempo limitado de um minuto. O 0800-Ouça dá acesso a toda a informação coletada. Pelos telefones e rede são veiculadas mensagens providas pela comunidade. Quando o usuário chama um 0800 ou entra no web site, tanto para falar como para ouvir, ele encontra três possibilidades:

- sobre arte, disque 1
- sobre invasão de privacidade, disque 2
- sobre tudo, disque 3

Esse material gera um banco de dados na internet, que também pode ser alimentado *on-line*. O site será localizado na Rede Rio 2, o *backbone* brasileiro mais poderoso, que conecta as quatro maiores instituições de

pesquisa do Rio de Janeiro, públicas e privadas, educacionais e governamentais, e a Telemar. A UFRJ é uma das responsáveis pela criação e manutenção da Rede Rio 2.

No Museu do Telefone a instalação lembra a ambiência de um escritório de produção, e o público terá acesso a essa infra-estrutura – incluindo pessoal técnico – para que possa publicar seu material, entrar *on-line*, ter acesso ao banco de dados para consulta, etc. Certamente esse projeto, sistema de intervenção, demanda estratégias de visibilidade para que possa acontecer. Foi programada a inclusão de anúncio do projeto em todas as contas telefônicas da cidade, convidando à participação; adicionalmente, foram solicitados anúncios em jornais, *outdoors* e tevê, a mídia tradicionalmente usada pela empresa para anunciar seus serviços.

Como o público reagirá diante dessa possibilidade sem precedentes e com regras previamente conhecidas? Posso antecipar que esse experimento me informará a respeito da inclinação carioca em direção à Arte=Vida.

---

Simone Michelin é Artista visual, professora assistente da EBA da UFRJ; pesquisadora em Arte Eletrônica pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-EBA/UFRJ, doutoranda no programa CAIA-STAR, Center for Science, Technology and Art Research, University of Plymouth, UK.

## Bibliografia

- MACSYMOWICZ, Virginia. Through the back door: alternative approaches to Public Art. In: MITCHELL, W. J. *Art and the Public Sphere*. Illinois: University of Chicago Press. 1996.
- MITCHELL, William J. *City of bits – space, place and the Infobahn*. Cambridge, MA, London, UK: The MIT Press. 1998.
- \_\_\_\_\_. *Art and the Public Sphere*. (Introduction: Utopia and critique). Illinois: University of Chicago Press. 1996:2.a
- MOHOLY-NAGY, Lázlo. *Vision in motion*. Chicago: Paul Theobald Publisher. 1969.
- Recommendation by the Sub-Committee on Public Art of the Artists' Committee of the College Art Association of America. Adopted by the CAA Board of Directors. October 31. 1987.
- VIRILIO, Paul. *Open sky*. London, New York: Verso. 1997

## Sites de referência

- <http://www.ibope.com.br/institucional/welcome.htm>  
[http://www.ibope.com.br/midia/pm\\_vwf23.htm](http://www.ibope.com.br/midia/pm_vwf23.htm)  
<http://www.ibope.com.br/cadeipobe99/perfil/>  
[http://www.nuaie/surveys/index.cgi?f=FS&loc\\_id=8](http://www.nuaie/surveys/index.cgi?f=FS&loc_id=8)  
<http://www.eco.ufrj.br/michelin/mn.02>  
<http://www.rederio.br/>  
<http://www.historiadobrasil.com.br/docsgdes.htm#01d01>